

VOZES INFANTIS: CONCEPÇÕES DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL ACERCA DO ENVELHECIMENTO HUMANO E DA PESSOA IDOSA

Francisane Nayare de Oliveira Maia¹
Ana Paula Cordeiro²

RESUMO: Neste texto temos por objetivo investigar qual a concepção de crianças entre quatro e cinco anos de idade, matriculadas numa instituição de Ensino do município de Marília, acerca da pessoa idosa e do envelhecimento humano. Para tanto, fizemos uso da pesquisa bibliográfica e do Estudo de Caso. Para a coleta de dados fizemos uso da Literatura Infantil, por meio da “Hora do Conto”, com o objetivo de colher relatos de crianças acerca de suas concepções sobre o envelhecimento humano. Após os procedimentos relatados acima, analisamos o material coletado à luz do referencial bibliográfico pertinente à temática com o intuito de relacionar as realidades encontradas com o material bibliográfico a fim de enriquecer, contribuir e acrescentar algo de relevância a essa temática, para que as propostas pedagógicas das escolas de educação infantil sejam repensadas. Os resultados indicam que a temática do envelhecimento humano não recebe tratamento adequado por parte das sociedades e, por extensão, da escola. Necessário se faz pensar na elaboração de currículos escolares que trabalhem adequadamente com a temática do envelhecimento humano desde a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica. É por meio do contato com a temática que a criança poderá ter diferentes concepções acerca da pessoa idosa e do envelhecimento humano. A escola também tem a função de suscitar ideias e valores positivos a respeito da velhice, apresentando diferentes construções, reflexões, quebra de preconceitos e trocas intergeracionais.

Palavras-chave: Educação. Educação Infantil. Envelhecimento humano. Pesquisa com Crianças. Sociologia da Infância.

ABSTRACT: In this paper we aim to investigate the conception of children between four and five years old, enrolled in an education institution in the city of Marília, about the elderly person and of human aging. For this, we used the literature and the case Study. To collect data we used the Children's Literature, through the "Story Time", with the objective of collecting children from reports of his views on human aging. After the above reported procedures, analyze the material collected in the light of relevant bibliographic references to the subject in order to relate the realities found in the bibliographic material to enrich contribute and add something of relevance to the topic, so that the educational proposals of preschools are rethought. The results indicate that the issue of human aging does not receive proper treatment by society and by extension the school. Need to do to plan the production of school curricula to work properly with the issue of human aging from kindergarten, first stage of basic education. It is through contact with the theme that the child may have different conceptions of the elderly and of human aging. The school also serves to raise ideas and positive values in respect of old age, with different buildings, reflections, breaking prejudices and intergenerational exchanges.

Keywords: Education. Childhood education. Human aging. Research with Children. Sociology of childhood.

Introdução

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista, “Julio de Mesquita Filho”, Campus de Marília. fran.btu23@yahoo.com.br

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista, “Julio de Mesquita Filho”. Docente lotada no Departamento de Didática da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP- Campus de Marília – SP. E-mail: napcordeiro@marilia.unesp.br.

Envelhecer: como acontece? Quem determina quando estamos ou não velhos? O que é ser velho? E mais: o que é ser velho nas sociedades capitalistas, que alijam os mais velhos, já fora do processo produtivo, das grandes decisões da vida em família, do mundo do trabalho, da sociedade? E as crianças, como enxergam os velhos? O que é ser velho para elas? Quais as características de uma pessoa que atinge a categoria social à qual damos o nome de velhice? Estas são questões que nos fizemos ao aliarmos em uma pesquisa concepções de crianças acerca do envelhecimento humano. Trabalhar com crianças na Educação Infantil e com pessoas idosas junto às Oficinas de Teatro da Universidade Aberta à 3ª Idade da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Marília, nos deu as bases para refletirmos sobre o envelhecimento humano e a respeito do olhar que a criança pequena lança sobre o idoso. Nesse quadro, as vozes infantis, seus relatos, suas interpretações relacionadas a histórias e atividades voltadas para a temática foram fundamentais para compreendermos de fato as concepções infantis relacionadas ao envelhecimento humano.

Este trabalho é fruto de uma pesquisa que visou conhecer as concepções de crianças da Educação Infantil acerca do envelhecimento humano e da pessoa idosa. Teve por objetivo verificar de que forma os conceitos de “envelhecimento” e de “pessoa idosa” são concebidos por crianças de quatro e cinco anos de idade, de uma instituição de Educação Infantil e relacionar as realidades encontradas com o material bibliográfico a fim de enriquecer, contribuir e acrescentar algo de relevância a essa temática.

Será que as crianças teriam um olhar positivo ou negativo sobre a velhice? Esta foi uma das questões que nos fizemos. A hipótese inicial era de que a visão seria negativa, visto que quando o assunto é o envelhecimento humano, a sociedade ocidental tem tratado as pessoas idosas de forma preconceituosa e estereotipada. Sendo assim, sem um tratamento adequado ao tema do envelhecimento humano, quais as concepções das crianças? Crescerão, com um olhar carregado de estereótipos negativos sobre a pessoa idosa e o envelhecimento humano? Refletindo sobre tais questões consideramos a importância de se trabalhar essa temática desde a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica (BRASIL, 1996). Discutir o tema pode configurar-se como algo benéfico para as crianças, que crescerão com outro olhar sobre a pessoa idosa, podendo compreender que a velhice não é um período da vida repleto de perdas ou situações ruins, mas uma etapa que pode ser vivida com tranquilidade e qualidade de vida.

Desta forma, esta pesquisa foi dividida em dois momentos: o estudo bibliográfico e a pesquisa de campo. No primeiro momento fizemos um levantamento sobre a temática específica e no segundo momento, para fins de coleta de dados, colhemos relatos orais de crianças. Cabe ressaltar que a criança é o sujeito no processo desta pesquisa. Do ponto de vista bibliográfico, fizemos uso de autores específicos que tratam da questão do envelhecimento humano, de documentos oficiais e de autores do referencial teórico da Sociologia da Infância, que vê a criança como ser ativo e criativo, criador pessoal de cultura e a infância como categoria social. Para a coleta de dados fizemos uso da Literatura Infantil, por meio da “Hora do Conto”, com o objetivo de colher relatos de crianças acerca de suas concepções sobre o envelhecimento humano. Utilizamos-nos, também, das linguagens artísticas, especificamente da música e do desenho. Em termos metodológicos esta pesquisa se configurou como um Estudo de Caso.

Almejamos, assim, demonstrar a importância da discussão sobre a temática do envelhecimento humano desde a Educação Infantil para que as propostas pedagógicas das escolas de Educação Infantil possam ser revistas e repensadas levando-se em conta a diversidade, pois essa etapa é a primeira da vida escolar das crianças. É no contato com a temática que elas poderão ter diferentes concepções acerca da pessoa idosa e do envelhecimento humano.

1 Criança e infância

Esta é uma pesquisa que tem como foco a criança e suas concepções acerca da velhice. Uma pesquisa que se propôs a ouvir as crianças, o que elas têm a dizer sobre o envelhecimento humano e suas consequências. Foi importante, desta forma, pensar em autores que suscitassem discussões relacionadas ao conceito de criança e infância. De onde partimos? Quais as concepções que regem nossas formas de pensar e de tratar a criança e a infância? Que referencial norteia nossa pesquisa?

Partimos de estudos que apresentam a infância como categoria socialmente construída e situam o nascimento do chamado “sentimento de infância” em contextos históricos. Corroboramos com Kramer (2003), que afirma que não existe uma criança universal, mas um ideal de criança abstrato que se traduz nas formas de ser das crianças burguesas, tidas como “modelos” para as demais. Pensar em crianças, para nós, é pensá-las vivendo o momento da infância em diferentes contextos. As crianças estão inseridas numa classe social específica e isso determina suas

possibilidades, interferindo em suas formas de ver o mundo e em suas escolhas.

Remeter às questões históricas neste trabalho permitiu-nos compreender e demonstrar que as ideias relacionadas à temática sofreram modificações devido a processos históricos e sociais ao longo dos séculos. Pensar em todos esses avanços, nas mais recentes concepções de criança e infância na sociedade contemporânea e na influência do processo de escolarização formal na construção destas concepções é fundamental a fim de ultrapassar o senso comum em relação à inclusão da temática do envelhecimento humano na Educação Infantil. Os estudos de Kramer (2003), Cambi (1999), Oliveira (2002), Ariès (2006), Corsaro (2011), entre outros, trouxeram contribuições significativas sobre a história da criança e da infância.

Kramer (2003) aponta que: “Desde que Ariès publicou, nos anos 1970, seu estudo sobre o aparecimento da noção de infância na sociedade moderna, sabemos que as visões sociais sobre a infância são construídas social e historicamente: a inserção concreta das crianças e seus papéis variam com as formas de organização” (KRAMER, 2003, p. 85).

Segundo a autora a ideia de infância surge no contexto histórico e social da modernidade, a partir de avanços da ciência, bem como de mudanças econômicas e sociais. A criança passou a ser vista como um ser com particularidades, em desenvolvimento, com formas de agir e pensar diferentes das do adulto.

Os estudos do historiador Philippe Ariès (2006), relatam as transformações ocorridas em relação à concepção sobre a infância do século XI ao século XIX. Ariès investigou como os grupos sociais pensavam as crianças e a infância a partir de registros pouco usuais, como: análise de obras de arte, diários de família, igrejas, túmulos e testamentos. Segundo ele, a sociedade medieval desconhecia a infância. As crianças eram tratadas como “adultos em miniatura”. Nesse sentido:

[...] o sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. (ARIÈS, 2006, p. 14)

Com o surgimento da noção de infância, a criança passou a ser preparada para o futuro via processo de escolarização formal. Segundo, Oliveira (2002) no século XIX enfatizou-se a importância da educação para o desenvolvimento social. Dessa forma, a criança se tornou o centro

do interesse educativo dos adultos e passou a ser vista como sujeito de necessidades e objeto de expectativas e cuidados. Nesse sentido Kramer expõe que:

Uma concepção de criança que reconhece o que é específico da infância – seu poder de imaginação, fantasia, criação – e entende as crianças como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem. Esse modo de ver as crianças pode ensinar não só a entendê-las, mas também a ver o mundo a partir do ponto de vista da infância, pode nos ajudar a aprender com elas. (KRAMER, 2003, p. 91)

O conceito de criança e infância sofreu modificações até chegar ao século XXI. Atualmente existem novas teorias que abordam essa temática, tendo a infância como foco e a criança como sujeito ativo. Os estudos voltados para a Sociologia da Infância nos permitem estudar a criança visando à interdisciplinaridade e a pesquisa em ambientes de convivência coletiva. As pesquisas de Corsaro (2011), Sarmiento (1997), Demartini (2009), Quinteiro (2009), entre outros, são um avanço no que se refere à concepção de criança e infância. Em seus estudos, analisam as crianças dentro de uma perspectiva coletiva, pensando nas ricas culturas de pares e nas produções e falas infantis.

Os pressupostos da Sociologia da Infância, segundo Corsaro (2011), respondem com atualidade a questões relacionadas à infância e à criança.

Nessa perspectiva, as suposições sobre gênese de tudo, da amizade aos conhecimentos científicos, são cuidadosamente examinadas como construções sociais, em vez de simplesmente aceitas como consequências biológicas ou fatos sociais evidentes. Isso significa que a infância e todos os objetos sociais (incluindo aspectos como classe, gênero, raça e etnia) são vistos como sendo interpretados, debatidos e definidos nos processos de ação social. Em suma, são vistos como produtores ou construções sociais. Quando aplicada à sociologia da infância, as perspectivas interpretativas e construtivas argumentam que as crianças, assim como os adultos, são participantes ativos na construção social da infância e na reprodução interpretativa de sua cultura compartilhada. Em contraste, as teorias tradicionais veem as crianças como “consumidores” da cultura estabelecida por adultos. (CORSARO, 2011, p. 19)

A Sociologia da Infância preocupa-se com a criança, com suas falas e produções, com o processo e não com o devir, vê a criança como sujeito produtor de cultura. A infância, nessa perspectiva, é uma categoria social, uma forma estrutural da sociedade que nunca desaparece, apesar de seus membros mudarem continuamente. Fatores como: classe social, lugar, contexto, família e escola influenciam a forma como as crianças vivenciam a infância (CORSARO, 2003).

O referencial da Sociologia da Infância está em consonância com uma perspectiva de educação que vê a criança como construtora de cultura e não apenas reprodutora. Seus pressupostos vão ao encontro do que preconizam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, que em seu artigo 4º nos pondera:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009, p. 1)

Segundo os pressupostos da Sociologia da Infância, as crianças contribuem ativamente para a construção e mudança de cultura. Ao pensarmos nas questões relacionadas à idade, a temática do envelhecimento humano não se faz presente nos currículos básicos da Educação Infantil. Dessa forma, é importante tratar a temática do envelhecimento humano desde a Educação Infantil, pois essa etapa é a primeira da vida escolar das crianças e se trabalharmos essa temática neste período estaremos proporcionando a possibilidade de as crianças adquirirem um novo olhar sobre a pessoa idosa, além de prepará-las para um envelhecimento saudável, ajudando-as a entender o próprio processo pelo qual passarão.

Quando pensamos em conhecer as concepções das crianças da Educação Infantil acerca do envelhecimento, compreendemos que o maior conhecimento acerca da temática pode causar transformações nas ações das crianças. Consideramos que:

É por meio do espaço escolar que a criança tem a possibilidade de desvelar, reinventar, aprender a conhecer, a pensar, a conviver e aprender a ser, sendo a principal protagonista no processo de sua formação pessoal e social. (MAZUTTI; SCORTEGAGNA, 2006, p. 107)

Nesse sentido, acreditamos que o saber sistematizado da escola trará contribuições para reconstruir ideias sobre o envelhecimento humano. Setúbal (1996, p. 63) ressalta que: “Nesse processo de pessoas envelhecidas a escola tem uma importância social fundamental, levando as crianças a desenvolverem uma nova concepção de envelhecimento, que valorize a memória e as trocas, que são valiosas entre as gerações”.

Carvalho (2004) demonstra que um preparo da sociedade para a inserção do idoso ao seu contexto e às suas condições de longo tempo, com boas condições de vida, pressupõe novas diretrizes educacionais voltadas a uma faixa etária que, segundo as estatísticas, tem aumentado nos últimos anos. Daí a necessidade de se analisarem os parâmetros curriculares oficiais que norteiam a elaboração de currículos e planos de ensino, no que se refere à fase da velhice. Para a autora, a construção do conhecimento, que pode aproximar ou afastar a escola da sociedade, depende do processo de escolarização utilizado.

E ainda:

As crianças constroem conceitos a partir do seu convívio com uma determinada situação, em casa ou na escola, ou seja, elas apreendem o que vivenciam nas suas interações com o meio ambiente. A transformação de ideias prévias ou do senso comum é feita, portanto, através da participação ativa do aluno e do direcionamento dado pelo professor, que irá elaborar a construção daqueles conceitos, aproximando-os do conhecimento específico. (CARVALHO, 2004, p. 13)

Nesse sentido, é importante que as escolas desenvolvam um trabalho de conscientização preparando-os para futuros cuidados, tornando-os sensíveis a essa temática e, mais que isso, preparando-os para o próprio envelhecimento e para a questão do respeito à diversidade. Isso está preconizado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009).

Mazutti e Scortegagna (2006), ao realizarem um estudo para conhecer as concepções de pré-escolares acerca do envelhecimento humano e identificar quais são os mitos e estereótipos relacionados à velhice, constataram que:

A percepção da velhice é associada com doenças, fraqueza, fragilidade e, aliados a essas perdas, vem a negação e o medo das crianças dessa etapa da vida, pois, quando questionadas se queriam chegar à velhice a maioria relatou não querer ficar velho ou ter medo da velhice, em virtude das limitações que ocorrem ao longo desse processo. (MAZUTTI; SCORTEGAGNA, 2006, p. 108)

Observa-se nesta citação a quantidade de concepções negativas acerca do envelhecimento humano. É por meio do contato com a temática que a criança poderá ter diferentes concepções acerca da pessoa idosa e do envelhecimento humano, pois entendemos que a escola também tem a função de suscitar ideias e valores diferentes a respeito da velhice, apresentando diferentes construções, reflexões e trocas intergeracionais.

De acordo com o artigo 22, do capítulo V, do Estatuto do Idoso: “Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir o conhecimento sobre a matéria (BRASIL, 2003, p. 5)”.

A observação e a aplicação da letra do Estatuto do Idoso podem vir a auxiliar na construção positiva da velhice, evitando que pré-conceitos relacionados a esta etapa da vida humana sejam perpetuados. Para Carvalho (2004) a temática do envelhecimento humano precisa ser reconhecida como área do conhecimento humano: “Não se trata de incluir novos conteúdos, mas sim de reconhecer e articular questões sociais atuais, como a do envelhecimento humano, utilizando a transversalidade preconizada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais“ (CARVALHO, 2004, p. 138).

Se a educação científica formal valorizasse as questões como a exclusão do idoso ou as representações sociais negativas a seu respeito, ela seria mais eficiente para a mudança dessas realidades, reafirmando o papel social da escola, conclui Carvalho (2004).

Bosi (2010), através de relatos de pessoas idosas, faz um estudo sobre suas memórias, aponta a importância da convivência de crianças com pessoas idosas e afirma que:

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória. (BOSI, 2010, p. 73)

A autora ressalta que o tempo que é concebido ao idoso para convívio com a criança se detém em histórias e brincadeiras. Tudo se volta para o passado ou para o futuro. “Você quando crescer será como o vovô, que na sua idade também brincava de escrever“ (BOSI, 2010, p. 74). Nesse sentido, o encontro intergeracional é fundamental tanto para a criança quanto para o idoso. Ao ouvir histórias contadas por pessoas idosas, a criança consegue perceber que elas também já foram crianças.

As trocas intergeracionais podem beneficiar o idoso ao permitir que este utilize sua experiência de vida acumulada, transmitindo o passado, sua cultura, seus valores, sua história de vida. Assim, as crianças podem construir uma concepção positiva da velhice, fortalecendo seu relacionamento com os idosos e transmitindo-lhes sua vitalidade e alegria. (MAZUTTI; SCORTEGAGNA, 2006, p. 105)

Corsaro (2011), ao visitar algumas cidades do Norte da Itália, impressionou-se com a participação ativa dos idosos na vida cotidiana das crianças. Durante as observações realizadas nas pré-escolas italianas ele constatou duas frases bastante comuns no vocabulário infantil: “mia nonna” e “mio nonno”, além da participação ativa dos avôs na pré-escola. Alguns exemplos foram expostos por Corsaro (2011): um avô confeccionando pipas para as crianças, uma avó e seu neto preparam uma sobremesa tradicional de Família, para todos os amigos. Segundo o autor, todas as crianças se beneficiavam com as atividades, mesmo sem a participação direta de seus próprios avôs, que não tiveram condições de estarem presentes. Ressalta, ainda, a importância de expandir-se por todas as escolas ocasiões como as das escolas do Norte da Itália, pois seria extremamente útil esse encontro intergeracional. “Todos nós precisamos de mais oportunidades para exercer atividades coletivas de rotina com outras pessoas”, conclui Corsaro (2011, p. 332).

Tanto a infância quanto a velhice estão à margem da vida ativa, das decisões postas, muitas vezes, de lado pelo capitalismo ou só lembradas em caso de incentivo ao consumo. Hoje, com as mudanças das concepções acerca da criança e com o aumento significativo da população idosa no Brasil, essas duas categorias socialmente construídas precisam ser vistas de outras maneiras. A criança e o velho devem ser olhados como sujeitos de direitos, de desejos, de autonomia, de capacidades, pois essas duas categorias participam de vivências diferentes ao mesmo tempo. Quando olhamos para a infância e a velhice podemos notar significativas mudanças e transformações. Lembrando o poeta Fernando Pessoa: “Minha vida tem só duas datas – a da minha nascença e a da minha morte. Entre uma e outra coisa todos os dias são meus”. E se pensarmos na Infância e na Velhice, podemos perceber o nosso processo de desenvolvimento e mais, que a velhice é algo que acontece todos os dias.

Nesse sentido consideramos ser de grande importância conhecer as concepções de crianças em idade pré-escolar sobre o envelhecimento humano, pois essa etapa é a primeira da vida escolar das crianças. É por meio do contato com a temática que a criança poderá ter diferentes concepções acerca da pessoa idosa e do envelhecimento humano, pois a escola também tem a função de suscitar ideias e valores diferentes a respeito da velhice, apresentando diferentes construções, reflexões e trocas intergeracionais.

2 Trajetória metodológica

A investigação bibliográfica constituiu-se como primeira fase deste estudo, trazendo todo o levantamento sobre a temática específica, o que nos permitiu conhecer e compreender com clareza os conceitos pertinentes à temática. Permitiu-nos também aprofundar, definir conceitos, aproximar autores e conhecer o que está sendo estudado atualmente, enfim, traçar um panorama sobre a temática evidenciada.

Na fase exploratória da pesquisa, houve uma aproximação com o local onde o estudo seria desenvolvido, com autorização para desenvolver o trabalho de campo. Neste momento, também foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual estão explicitados os objetivos e procedimentos da pesquisa, garantindo o anonimato e a preservação da identidade dos participantes, dentre outros esclarecimentos.

Antes de iniciar a coleta de dados, por se tratar de uma pesquisa com crianças, onde elas seriam os sujeitos da investigação, foi realizado um encontro com as mesmas com o intuito de verificar se elas tinham interesse ou não em participar da pesquisa. Somente depois do assentimento das crianças é que os encontros aconteceram. Ressaltamos que a pesquisa recebeu parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, de acordo com a Resolução 466/2012, do Conselho Nacional da Saúde, que dispõe sobre a pesquisa com seres humanos.

Para a coleta de dados, optamos pelos relatos orais de crianças. O relato oral para Queiroz (1988) está na base de toda a informação e antecede diferentes técnicas de obtenção e conservação do saber, sendo a palavra uma das mais antigas técnicas utilizadas para tal. Para Queiroz, constituem-se na maior fonte humana de conservação e difusão do saber. Segundo a autora:

Em todas as épocas, a educação humana (ao mesmo tempo formação de hábitos e transmissão de conhecimentos, ambos muito interligados) se baseara na narrativa, que encerra uma primeira transposição: a da experiência indizível que se procura traduzir em vocábulos. (QUEIROZ, 1988, p. 16)

Demartini (2005) destaca a importância cada vez maior de aprender a ouvir as crianças e os jovens. Para a autora:

[...] não estamos conseguindo entender ou, principalmente, não estamos conseguindo dialogar com crianças e jovens – até que ponto estamos escutando suas vozes, muitas vezes caladas? Considero necessário não apenas conhecê-los enquanto grupos sociais distintos, com vivências e culturas diferentes daquelas encontradas entre os grupos mais velhos, mas, principalmente, escutá-los para podermos enfrentar juntos os sérios problemas que a sociedade brasileira nos coloca. (DEMARTINI, 2009, p. 2)

Além dos relatos orais das crianças fizemos uso da observação participante e de formas de registro, tais como diários de pesquisa e gravador de voz. A observação participante permitiu o contato com as crianças e a confiança delas. Construímos conhecimentos coletivamente, à medida que elas se viam como sujeitos ativos. Os encontros foram gravados e posteriormente transcritos.

Foram realizados três encontros com as crianças, com aproximadamente cinquenta minutos de duração. Os encontros foram agendados em reunião com a professora da sala antes do início da pesquisa. A escolha da turma não foi aleatória e houve diálogo com as professoras de “Infantil II” separadamente. Elas tomaram ciência dos objetivos da pesquisa e duas vezes na semana, durante um mês, realizamos as atividades com as crianças.

Durante os encontros utilizamo-nos da Hora do Conto, com a leitura dos livros de Guilherme Augusto Araújo Fernandes, de *Mem Fox* e *Lembra de mim*, de Margaret Wild e Dee Huxley, com posterior discussão relacionada às temáticas apresentadas. Tais livros de Literatura Infantil foram escolhidos porque trazem personagens idosas, com distintas formas de tratamento dadas a elas. Durante o trabalho com os livros realizamos rodas de conversa que foram propostas com o intuito de coletar opiniões a respeito da história. A partir dos relatos das crianças foram feitos questionamentos sobre como é a pessoa idosa e a sua convivência com ela, conforme apresentamos abaixo:

- O que é uma pessoa idosa?
- O que é uma pessoa velha?
- Idoso e velho são a mesma coisa?

Quem, dentre vocês, mora com a vovó ou o vovô ou tem algum contato com uma pessoa idosa?

- A pessoa idosa consegue fazer as coisas que todos fazem?

Esses questionamentos nortearam os primeiros momentos de interação com as crianças.

3 Resultados

Os encontros se deram da seguinte forma:

1º Encontro: “As pessoas velhas viram estrelas”

Data: 04 de Junho de 2013

Local: Sala da turma

Início: 10h50 Término: 11h30 Duração: 50 minutos

Crianças participantes: 12

Idades: 4 e 5 anos

Objetivo específico: conhecer o grupo, iniciar a conversa sobre envelhecimento.

2º Encontro: “Quando fica velho morre, pra depois você voltar e conhecer tudo de novo”.

Data: 05 de Junho de 2013

Local: Biblioteca da escola.

Início: 10h50 Término: 11h30 Duração: 50 minutos

Crianças participantes: 12

Idades: 4 e 5 anos

Objetivo específico: coleta de relatos orais das crianças a partir da atividade da *Hora do Conto*, com a leitura do livro *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, de Mem Fox com posterior discussão sobre a história.

3º Encontro: “Memória é o que fica dentro do cérebro e faz a gente lembrar as coisas”.

Data: 12 de Junho

Local: Sala da turma

Início: 10h50 Término: 11h30 Duração: 50 minutos

Crianças participantes: 12

Idades: 4 e 5 anos

Objetivo específico: coleta de relatos orais das crianças a partir da atividade da *Hora do Conto*, com a leitura do livro *Lembra de Mim* de Margareth Wild, com posterior discussão sobre a história.

Nos encontros buscamos conhecer as concepções das crianças acerca da pessoa idosa e do envelhecimento humano. Apresentaremos as falas das crianças que mais nos chamaram a atenção no primeiro encontro.

Para nortear o trabalho perguntamos: quem sabe o que é uma pessoa idosa?

JOA: É quem anda com cadeira de rodas.

PESQUISADORAS: As demais crianças permaneceram em silêncio. Ao percebermos a dificuldade em responderem, perguntamos: – e velho?

PEV, ISA, LIR: Ah, velho a gente sabe.

JOÃ: Quem não sabe andar.

As crianças expressaram nas falas que a concepção relacionada ao envelhecimento e velhice está associada com doenças, fraqueza e fragilidade.

As suas respostas estão sempre ligadas aos aspectos físicos da pessoa idosa e concomitantemente a doenças. Nos relatos, pudemos observar os estereótipos presentes em relação ao envelhecimento. São eles:

MIR: Às vezes a vó tem que ir no hospital.

PESQUISADORAS: E por que ela tem que ir no hospital?

MIR: Porque ela fica velha.

PED: Meu vô tem que tomar injeção no olho.

ISA: A minha mãe é mais ou menos velha.

MUR: Ser velho é chato.

PESQUISADORAS: Por que ser velho é chato?

MUR: Porque às vezes não dá pra fazer quase nada.

PED: Às vezes trava as costas.

MUR: Porque não consegue dirigir.

Ao analisarmos os relatos das crianças encontramos diferenças entre as palavras “velho” e “idoso”. A palavra “velho” tem um significado mais negativo que a palavra “idoso” para as crianças. Como demonstram as falas abaixo:

PESQUISADORAS: E sobre a diferença entre idoso e velho. Qual é a diferença entre idoso e velho?

PED: Idoso é quem usa bengala e velho não sabe andar.

PED: É porque idoso tem bengala e velho não.

PESQUISADORAS: PED, você acha que idoso e velho são a mesma coisa?

PED: Não, não é a mesma coisa. Velho não consegue pegar as coisas.

PESQUISADORAS: Por quê?

PER: Porque precisa de músculos pra fazer isso.

PROFESSORA DA TURMA: E velhinho não tem músculos?

PER: Ele é fraco. Meu pai disse que quando eu ficar com músculo vou ficar um homem igual a ele. E meu pai conserta tudo. Brinquedos, videogame.

PESQUISADORAS: E o velho não consegue fazer isso?

PED: Ele é mais fraco, ele é muito fraco.

Segundo Cordeiro (2003), a palavra “velho” é carregada de conotações negativas e cercada por estereótipos e preconceitos em nossa sociedade. Dessa forma:

À ideia de velhice, como já colocamos somam-se quase sempre aspectos indesejáveis e negativos, que apresentam o idoso como alguém sempre em desvantagem em relação ao mais jovem, mesmo que as circunstâncias e o cotidiano demonstrem que as coisas não são bem assim e que as qualidades atribuídas geralmente à juventude podem ser encontradas em pessoas de todas as idades, assim como os aspectos negativos atribuídos à velhice, como posturas rígidas em face do novo, por exemplo. (CORDEIRO, 2003, p. 46)

Outra observação que nos chamou a atenção foi a fala de uma criança ao dizer:

PED: Meu vô não é velho.

PESQUISADORAS: Seu avô não é velho, por quê?

PED: É porque ele é um pouquinho de nada.

PESQUISADORAS: E por que ele é velho “um pouquinho de nada”?

PED: Porque sim, eu não gosto de falar porque meus avós são velhos.

PESQUISADORAS: Por que você não gosta de falar que os seus avós são velhos?

PED: Porque sim.

PESQUISADORAS: Mas tem um motivo?

PED: Eles são meus avós. Eu não quero mais falar.

ISA: Eu já sei. É só falar e você sente falta deles.

PED: Não. É só falar na minha cachorra e eu sinto falta dela. De montar nela e ficar assim.

Frente a essas respostas é possível inferir a desvalorização da pessoa idosa. A tal ponto, que a criança diz sentir mais saudade de um animal do que dos avós. Nas falas das crianças, as questões relacionadas à finitude humana apareceram fortemente:

PEV: Quando as pessoas são velhinhas elas morrem.

ISA: Elas morrem porque elas ficam bem velhas.

LIR: As pessoas velhas viram estrelas.

ISA: Ped cada um morre quando fica velho.

PED: De vez em quando pode morrer no dia que o cabelo fica branco. De vez em quando não morre no dia.

A questão principal que se coloca, quando analisamos as concepções das crianças relacionadas ao envelhecimento humano, é mostrar-lhes que a velhice também tem seu lado

positivo, que é possível ter um envelhecimento saudável, que a velhice acontece a cada dia. Consideramos essa discussão benéfica para as crianças, que crescerão com outro olhar sobre a pessoa idosa, podendo compreender que a velhice não é um período da vida repleto de perdas ou situações ruins, mas uma etapa que pode ser vivida com tranquilidade e qualidade de vida.

No segundo e terceiro encontros, por meio da Literatura Infantil, desenvolvemos com as crianças diálogos relacionados ao envelhecimento humano, ao encontro de gerações e à importância das memórias, das lembranças e da solidariedade. Os livros escolhidos para os momentos de contação de histórias foram *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, de Men Fox e *Lembra de mim?*, de Margareth Wild, que tratam justamente destas questões. Em ambas as histórias, há uma relação de afeto e amizade entre crianças e pessoas idosas. Há a questão da perda da memória e ações por parte das crianças no sentido de auxiliar as pessoas idosas a recuperarem suas memórias perdidas.

A partir das histórias contadas, buscamos instigar as crianças com perguntas para averiguar o entendimento delas em relação ao enredo, suas posturas e maneiras de pensar em relação à pessoa idosa. Na primeira das histórias, o menino Guilherme mora vizinho de um asilo para idosos. Lá ele faz amizade com os moradores. Eis alguns trechos da roda da conversa:

PESQUISADORAS: Do que se trata essa história?

LIR: De vovó

THI: De vovô.

PED: De um menino muito bom.

PEV: De uma caixa, de uma bola de futebol.

PED: De um ovo quentinho, saindo da galinha.

PESQUISADORAS: E onde essa história aconteceu?

PED: Em uma casa.

PESQUISADORAS: Que casa?

PED: Em uma casa de vovô e de vovó.

PESQUISADORAS: E como chama essa casa?

PED: A casa dos velhinhos.

PESQUISADORAS: Essa casa de velhinhos ela tem um nome. Chama-se asilo.

PED: O que é asilo?

PESQUISADORAS: Asilo é a casa de velhinhos. Alguns velhinhos moram lá. Às vezes eles ficam doentes aí eles ficam lá e recebem cuidado. Alguém já foi em um asilo?

PED: Eu já fui.

MUR: Como é, Ped?

PED: Eu cheguei perto.

Percebemos que a compreensão das crianças acerca da história foi boa. O asilo foi chamado por PED de “casa dos velhinhos” e “casa de vovô e de vovó”. PED também considera que a história

fala de um menino “muito bom”. Em toda a história, ele tenta recuperar as memórias perdidas da senhora Diniz Cordeiro e é amigo de todos os demais idosos. Dessa forma, é visto por PED como uma boa pessoa. O tema da memória configurou-se como o principal no momento da conversa. As crianças elaboraram suas hipóteses a partir do que vem a ser a memória. Eis alguns trechos de nossas falas:

PESQUISADORAS: O que é a memória?

PED: É o que fica dentro da cabeça e faz a gente lembrar as coisas.

MUR: Você lembrar do ano passado.

PESQUISADORAS: E vocês acham que as pessoas mais velhas têm mais coisas pra se lembrar do que a gente?

PED: Sim, porque elas já foram crianças, já foram adolescentes e já foram adultas.

PESQUISADORAS: Quem mais quer falar?

THI: Eu acho que perdeu a memória e não sabia nada o que fez de bom.

ISA: É o que a gente pensa e fica dentro do cérebro.

MUR: Lembra quando você tá na praia e quando andou de remo.

LIR: É quando você lembra de uma fada.

PED: Lembra quando seu dente caiu, quando você saiu da barriga da mamãe.

MUR: Não dá pra lembrar isso.

As crianças levantaram interessantes hipóteses sobre que vem a ser a memória: “o que fica dentro da cabeça da gente e faz lembrar das coisas”, o que faz você “lembrar do ano passado”, “é o que a gente pensa e fica dentro do cérebro”. Questionadas sobre as pessoas mais velhas e suas memórias, PED respondeu que acredita que os idosos têm mais coisas para lembrar porque “já foram crianças, já foram adolescentes e já foram adultas.” A respeito da memória ainda, algumas lembranças das crianças surgiram de forma bastante poética: “lembra quando você tá na praia”, “quando seu dente caiu”, “é quando você lembra de uma fada”. Fantasia e realidade se misturam e PED diz: “lembra quando você saiu da barriga da mamãe”. Ao que MUR retrucou: “não dá pra lembrar isso”.

Perguntamos por que as pessoas perdem a memória.

PESQUISADORAS: Por que as pessoas mais velhas se esquecem?

LIR: Por que perde a memória.

PESQUISADORAS: E por que você acha que isso acontece?

PED: Porque fica muito, muito, muito velhinho, aí perde a memória.

PESQUISADORAS: Lá no asilo de velhos todo mundo tinha se esquecido?

PED: Não, quase ninguém tinha esquecido.

E então começamos a conversar sobre as coisas que os outros idosos gostavam de fazer no asilo:

PED: Tocar piano.

ISA: Tinha um com voz de gigante, tinha um que adora remar.

PESQUISADORAS: Isso! E como eram esses velhinhos?

PED: Eles ficaram na cama.

PESQUISADORAS: Você viu isso no livro?

PED: Alguns ficavam em uma cama.

PESQUISADORAS: Ah, e tinha uma senhora que usava o que pra andar?

TODOS: Bengala.

THI: E quando fica velho morre.

PESQUISADORAS: E por que será que isso acontece?

PED: Pra depois você voltar e conhecer tudo de novo.

PESQUISADORAS: Então morre pra depois voltar e conhecer tudo de novo?

THI: Quando a gente fica muito velho, muito, muito. Aí morre. Aí faz tudo de novo.

PROFESSORAS: Mas, por que será que a gente morre?

THI: Por que eu não sei.

LIR: Pra ficar com Jesus.

PESQUISADORAS: Crianças, quem tem avós ou conhece algum velhinho?

PEV: Eu conheço meu vô.

PESQUISADORAS: E o que seu avô gosta de fazer?

PEV: Meu vô... Ele gosta de ser policial.

PESQUISADORAS: Que mais?

PEV: Ele gosta de filme de comédia e a minha vô adora fazer comida, camarão e polvo.

PESQUISADORAS: Que delícia! Quem mais quer falar?

LIR: Eu também gosto de polvo.

Por meio da história e da conversa, houve a busca de desconstruir estereótipos negativos em relação ao envelhecimento humano. As crianças constataram que não são todos os idosos que perdem a memória. Formas de pensar, crenças sobre vida e morte, interpretações sobre a história apareceram no diálogo. As crianças constataram que os idosos do asilo também gostam de tocar piano, remar, cantar. No entanto, as crianças se lembraram dos que ficam acamados, dos que usam bengala, dos que ficam muito velhinhos e morrem. Conversamos também sobre os avós e idosos das famílias das crianças. O que eles gostavam de fazer? As respostas: ser policial, preparar comidas, jogar vídeo - game.

Consideraram importante fazer amizade com pessoas mais velhas e alguns disseram que elas podem nos ensinar “lembranças”:

“**PESQUISADORAS:** Será que pessoas velhas podem ensinar coisas pra gente? O que elas têm que podem nos ensinar? **PED:** Lembranças.”

Para Bosi (2010) o sublime papel do idoso é o de lembrar:

[...] é o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e se dobram sobre a quintessência do vivido. Cresce a nitidez e o número de imagens de outrora, e esta faculdade de lembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com o a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora. (BOSI, 2010, p. 81)

Na segunda história, as temáticas de convivência entre criança e idosos, das memórias e perdas apareceram novamente. Dessa forma, iniciamos a conversa perguntando sobre as relações das crianças com seus avós e/ou outros idosos. Eis alguns trechos da roda de conversa:

PESQUISADORAS: Semana passada fizemos uma pergunta Lembram que perguntamos quem tem vovô e vovó?

(As crianças falaram: “eu tenho, eu tenho!”)

PESQUISADORAS: Gab, você tem vovô e vovó?

(A garota sinaliza que sim)

PESQUISADORAS: E você os vê? Eles moram aqui em Marília?

PESQUISADORAS: E você, Isa? Tem vovô e a vovó?

ISA: Sim.

PESQUISADORAS: E a Lir. O vovô e a vovó não moram aqui?

LIR: Não, em Tupã.

PESQUISADORAS: Mas às vezes você a vê?

(A garota sinaliza que não)

PESQUISADORAS: Você não a vê?

LIR: Ela já tá no céu.

PESQUISADORAS: E o vovô?

LIR: Meu vô também.

PESQUISADORAS: E o Fab, você tem avós?

FAB: Sim.

PESQUISADORAS: E você os vê?

FAB: Todas às vezes.

PESQUISADORAS: Muitas vezes ou pouquinho?

FAB: Bastante.

Após conhecer um pouco sobre a convivência com as pessoas idosas, iniciamos a história programada para o dia. Novamente nas falas das crianças apareceram estereótipos negativos em relação a idoso:

PESQUISADORAS: Quem lembra depois das duas histórias que contamos o que é idoso?

LIR: Que anda de cadeira de rodas.

PED: E da bengala.

ISA: E um carro de rodas.

PESQUISADORAS: E você Pev, lembra?

PEV: Lembro. É quem usa cadeira de rodas, bengala e verruga.

LIR: Que usa cadeira de rodas.

PESQUISADORAS: E o que mais?

PED: A memória pode sumir.

ISA: Que tem caspa.

Para alcançar essas respostas foi preciso um diálogo franco e aberto com as crianças, isto é, ouvi-las de fato. Diálogo, histórias, relatos, momentos mágicos e únicos: por meio deles realizamos nossa coleta de dados.

Conclusão

*“Vá embora, vá embora”, é o que as pessoas me dizem.
O ano chega ao fim.
(Imbe Rotsu (1649 – 1738))*

Neste trabalho apresentamos e analisamos as concepções de crianças de quatro e cinco anos de idade sobre o envelhecimento humano. O que é ser velho, quem é velho e quais suas características foram algumas das indagações feitas às crianças. O objetivo principal da pesquisa foi o de conhecer as concepções das crianças sobre a velhice a fim de oferecermos uma análise de suas falas e possibilidades de ações educativas baseadas no Estatuto do Idoso e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil.

Fundamentamo-nos teoricamente nos pressupostos da Sociologia da Infância (CORSAO, 2011), que preconizam que a criança é um ser ativo e criativo, criador pessoal de cultura. Dentro dessa perspectiva teórica, para que conheçamos as formas de agir, pensar, enfim, de ver o mundo das crianças é imprescindível dar voz a elas, de forma efetiva e ouvi-las de fato. Apresentamos todo o percurso realizado na pesquisa, que teve como procedimento metodológico a Pesquisa bibliográfica e o Estudo de Caso.

A partir das discussões realizadas, das respostas das crianças, das histórias contadas e dos momentos de convivência durante os três encontros junto à turma de crianças, concluímos que a educação é uma importante parceira no processo de desconstrução de mitos e tabus relacionados ao tema.

Necessário se faz pensar na elaboração de currículos escolares que trabalhem adequadamente com a temática do envelhecimento humano desde a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica. É por meio do contato com a temática que a criança poderá ter diferentes concepções acerca da pessoa idosa e do envelhecimento humano, pois entendemos que a escola também tem a função de suscitar ideias e valores mais realistas e positivos a respeito da

velhice, apresentando diferentes construções, reflexões, quebra de preconceitos e trocas intergeracionais.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líder, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Norma Brasileira de Referências** (NBR 6023). Rio de Janeiro, 2002.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksrnan. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BARROS, M.M.L. **Velhice ou terceira idade?**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

BEAUVOIR, S. **A velhice: a realidade incômoda**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. Rio de Janeiro: Difel, 1976.

BOSI, E. **Memória e sociedade**. Companhia das Letras, 2010.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB nº 20/2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/CNE, Brasília, 2009.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol. 3.

BRUNS, M. A. T. O desejo tem idade?. In: BRUNS, M.A.T; DEL MASSO, M.C.S (Orgs.). **Envelhecimento humano: diferentes perspectivas**. São Paulo: Alínea, 2007. p. 24-33.

BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. Tradução de Marcos Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

CAMBI, F. **A história da pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

CARVALHO, C. B. **Concepções e representações de envelhecimento e sujeito idoso:** uma contribuição para o ensino mediante conhecimentos favoráveis à inserção social. 2004. 183f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2004

CARVALHO, C. B.; HORIGUELA, M. L. M. Inserção social de idosos a partir da escolarização básica. In: BRUNS, M.A.T; DEL MASSO, M.C.S (Orgs.). **Envelhecimento humano:** diferentes perspectivas. São Paulo: Alínea, 2007. p. 121-141.

CORDEIRO, A.P. **Oficina de teatro da UNATI UNESP Marília:** A arte e o lúdico como elementos libertadores dos processos de criação da pessoa idosa. Tese (Doutorado). FFC, UNESP- Marília, 2003

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

DEBERT, G. A construção do e a reconstrução da velhice: classe social e etnicidade. In: A.L. NERI e G.G. DEBERT (Orgs.). **Velhice e sociedade.** Campinas: Papirus. 1999.

DEMARTINI, Z. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (Orgs.). **Por uma cultura da infância:** metodologias de pesquisa com crianças. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.p. 1-17.

FOX, M. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes.** São Paulo: Brinque-book, 1995.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico do Brasil 2010. Rio de Janeiro: IBGE; 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica>>. Acesso em: 09 out. 2013.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil:** a arte do disfarce. Rio de Janeiro: Achiamé, 2003.

MAZUTTI, C. SCORTEGAGNA, M. H. Velhice e envelhecimento humano: concepções de pré-escolares do município de Tapejara – RS. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano,** Passo Fundo, p.101-112, 2006.

QUEIROZ, M. Relatos orais. In: VON SIMON, O.M. (Org.). **Experimentos com História de Vida.** São Paulo: Vértice, 1988.

QUINTEIRO, J. Infância e Educação no Brasil: Um campo em construção. In: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (Org.). **Por uma cultura da infância:** metodologias de pesquisa com crianças. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2009. p.19-48.

OLIVEIRA, Z.R. **Educação infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

SALZEDAS, P. L.; BRUNS, M. A. T. O corpo em transformação: a silenciosa passagem pelo tempo. In: BRUNS, M. A.T; DEL MASSO, M. C. S. (Orgs.). **Envelhecimento humano: diferentes perspectivas**. São Paulo: Alínea, 2007. p. 13-22.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (Orgs.). **As crianças: contextos e identidades**. Portugal, Centro de Estudos da Criança: Editora Bezerra, 1997.

SETÚBAL, M. F. O. **A função social da escola frente ao processo de envelhecimento da população**. Arquivos de Geriatria e Gerontologia, p. 63-64, maio 1996.

WILD, M; HUXLEY, D. **Lembra de mim**. São Paulo: Brinque-book, 2009.

[Recebido: 15 nov. 2015 – Aceito: 15 dez. 2015]